

Resumos

20ª Semana de Enfermagem

DO GRUPO DE ENFERMAGEM DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE
E DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFRGS

11 a 13 de maio de 2009
Anfiteatro Carlos César de Albuquerque

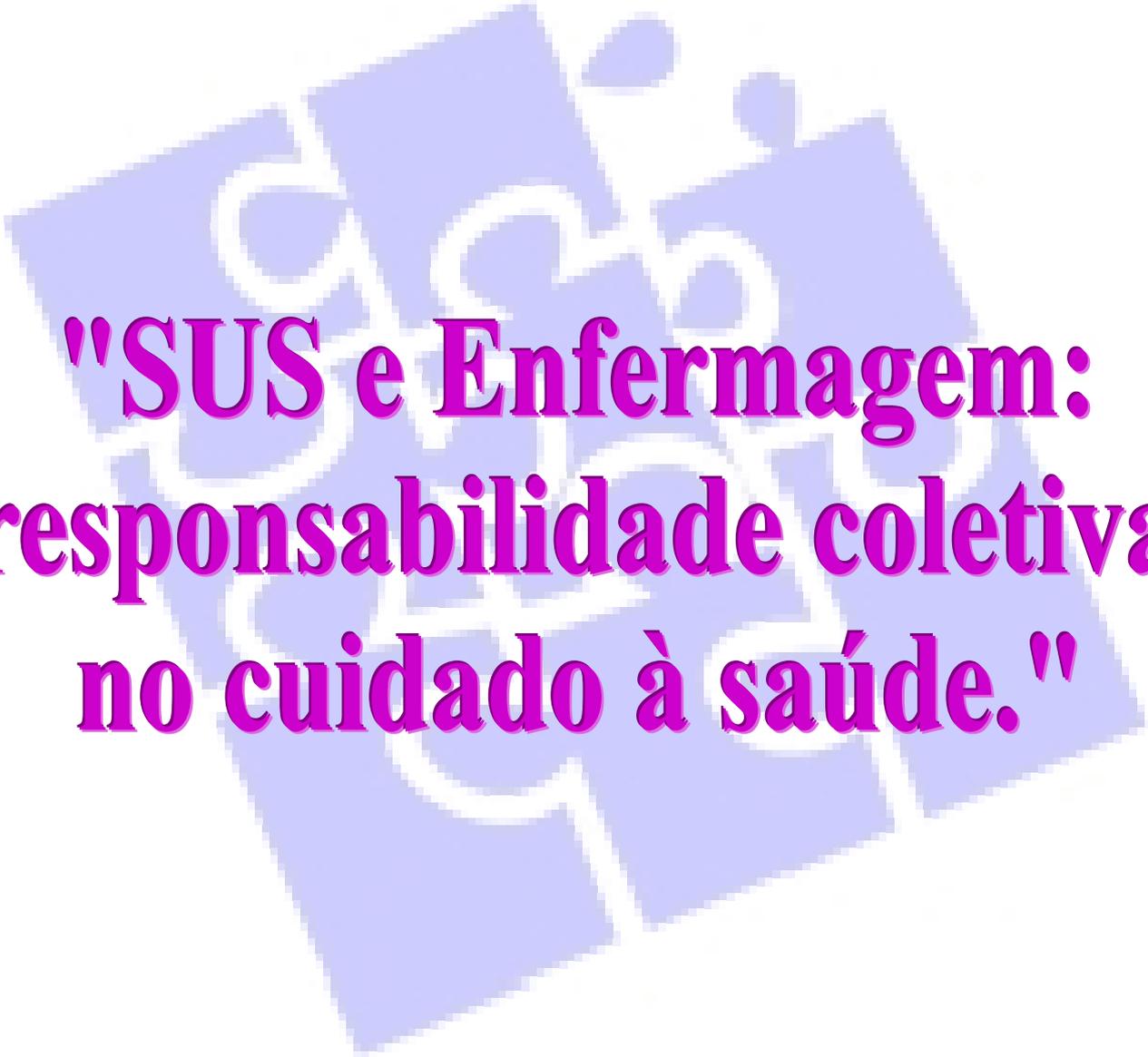
"SUS e Enfermagem:
responsabilidade coletiva
no cuidado à saúde."



2009



**GRUPO DE ENFERMAGEM DO
HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL**



**"SUS e Enfermagem:
responsabilidade coletiva
no cuidado à saúde."**

12 a 13 de maio de 2009

Local

Anfiteatro Carlos César de Albuquerque
Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Porto Alegre – RS

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE (HCPA)**Presidente:** Amarilio Vieira de Macedo Neto**Vice-Presidente Médico:** Sérgio Pinto Ribeiro**Vice-Presidente Administrativo:** Tanira Andreatta Torelly Pinto**Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação:** Nadine Oliveira Clausell**Coordenadora do Grupo de Enfermagem:** Maria Henriqueta Luce Kruse**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)****Reitor:** Carlos Alexandre Netto**Vice-reitor:** Rui Oppermann**ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RGS (EE-UFRGS)****Diretora:** Liana Lautert**Vice-diretora:** Eva Neri Rubim Pedro**Projeto gráfico, ilustração e diagramação:** Gleci Beatriz Luz Toledo**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO-CIP
BIBLIOTECA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM, UFRGS, Porto Alegre, BR-RS**

S471s Semana de Enfermagem (20. : 2009 : Porto Alegre)

SUS e enfermagem : responsabilidade coletiva no cuidado à saúde : resumos 2009 [recurso eletrônico] / promoção e realização Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ; coordenadora da Semana de Enfermagem Virginia Leismann Moretto. – Porto Alegre : HCPA, 2009.

1 CD-ROM

1. Enfermagem – Eventos. 2. Educação em enfermagem. I. Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Grupo de Enfermagem. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Moretto, Virginia Leismann. IV. Título.

NLM: WY3

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes - CRB 10/463

encontradas durante a internação, a expectativa de voltar para casa, às preocupações com outros familiares presentes em casa e sobre as atividades desenvolvidas durante o dia no hospital (aulas e recreação terapêutica). Já o vínculo estabelecido entre as crianças e os acadêmicos ocorria de forma positiva, pois após os primeiros contatos as crianças já esperavam a chegada dos participantes de forma eufórica, questionando a ausência de um ou outro participante faltante, também na chegada do fim da semana quando perguntavam sobre a possibilidade de nossa vinda nos sábados e nos domingos, quando contavam aos participantes sobre seu quadro clínico e as intervenções realizadas ou a realizar, através de confidências das crianças feitas aos acadêmicos, entre outros. Baseando-se em todos esses momentos de aproximação e confiança entre os acadêmicos e as crianças hospitalizadas fica evidente a relevância desse Projeto que vem acontecendo a 10 anos nas Unidades Pediátricas do HCPA. Fortalece-se, assim, essa relação, para que ocorra de forma saudável, mostrando abertura e disponibilidade desses estudantes a fim de apoiar os familiares e pacientes nesse momento difícil de internação, favorecendo sempre a troca de experiências, e a partir dessas auxiliando na busca de relacionamento interpessoal. O Projeto procura também, através da inserção do lúdico, trazer momentos de descontração e alegria às crianças internadas e que através dele, elas possam manifestar suas alegrias e inseguranças. **Considerações Finais:** o presente trabalho permitiu conhecer a relevância do Projeto apresentada sob o olhar e perspectiva do acadêmico nas atividades desenvolvidas. É perceptível ao olhar do acadêmico a necessidade de brincar da criança hospitalizada e o efeito benéfico que o lúdico traz através de jogos, brincadeiras e conversas reduzindo os medos e angústias que uma internação acarreta, proporcionando às crianças um enfrentamento mais efetivo dos desafios a que estão submetidas.

Descritores: criança hospitalizada, brinquedo, criança.

Referências:

1. MORCH, D. S.; ARAGÃO, P. M. A criança, sua família e o hospital: pensando processos de humanização. In: DESLANDES, Suely Ferreira. Humanização dos cuidados em saúde Conceitos, dilemas e práticas; Fiocruz, Rio de Janeiro. 2006, 416p.
2. SOUTO, M.B.; DALL AGNOL, C. N.; ISSI, H. B. Cuidados Básicos com a Criança Hospitalizada – Especificidades. In: Reanimação Cardiorrespiratória Pediátrica: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre, Artmed, 2008.

PROJETO DE EXTENSÃO CRESCENDO COM A GENTE: ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM INTERAGINDO COM O PACIENTE PEDIÁTRICO PORTADOR DE FIBROSE CÍSTICA

Simone Konzen Ritter, Helena Becker Issi

Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

simone.ritter@ufrgs.br

Introdução: a Fibrose Cística é uma doença genética crônica, que debilita principalmente o sistema respiratório, já que o acúmulo de secreções brônquicas viscosas ao longo do trato respiratório pode gerar a obstrução das vias aéreas e juntamente propiciar condições para a colonização por bactérias multiresistentes, ocasionando frequentemente infecções, tais como bronquite, sinusite e pneumonias recorrentes. Além disso, o paciente pode apresentar má absorção de nutrientes, devido à obstrução dos ductos pancreáticos, também

gerada pelo excesso de viscosidade do muco produzido pelo organismo, determinando insuficiência pancreática e dessa forma, fazendo com que haja deficiência vitamínica e concomitantemente de crescimento. As manifestações clínicas mais comuns da mucoviscidose são a tosse crônica, a diarreia crônica e a desnutrição; entretanto, ela pode se manifestar de diversas outras maneiras, por ser uma doença que acomete vários sistemas ou órgãos (REIS; DAMACENO, 1998). Com tais implicações, os portadores necessitam de cuidados contínuos, como a realização de nebulizações periodicamente, a utilização de suplementos alimentares e vitamínicos, a precaução quanto à exposição à patógenos, entre outras práticas que previnem o desenvolvimento de um quadro que conduza à hospitalização e à condição de isolamento para recuperação do estado de saúde. Para tanto, se observa a relevância da equipe multidisciplinar, a qual deve atentar para a promoção do auto-cuidado do paciente crônico, orientando e esclarecendo os questionamentos do paciente e de seus familiares, além de buscar compreender e acolher as suas necessidades conforme o contexto social em que vivem, auxiliando as famílias carentes, por exemplo, e direcionando-as para receber apoio de associações – no Hospital de Clínicas de Porto Alegre tem-se como referência a AGAM, Associação Gaúcha de Assistência a Mucoviscidose – por meio das quais têm acesso às medicações e aos recursos necessários para amenizar as conseqüências da enfermidade, além de contar com um acompanhamento diferenciando que perpassa o cuidado terapêutico, uma vez que, segundo Henckemaier (2005), quando se cuida de um ser humano, cuida-se não apenas do seu corpo, mas também de seu universo, ou seja, da sua família e do contexto social no qual se insere. E, por se tratar de uma doença crônica com aparecimento comumente na infância – há casos, porém, em que a doença revela-se tardiamente – e com manifestações clínicas proeminentes e recursivas, faz-se necessário, na maioria dos casos, longos períodos de hospitalização, o que se constitui como uma experiência delicada na vida de qualquer ser humano, especialmente quando se refere à criança, a qual requer atenção especial, visto que possui necessidades pertinentes a sua fase de crescimento e de desenvolvimento, que busca estabelecer vínculos, ter autonomia e descobrir o mundo, e principalmente por se tratar de uma experiência que envolve intensa adaptação à nova rotina, ao ambiente, e ao contato e convívio diário com a equipe multidisciplinar. Surge assim a necessidade do cuidar humanizado, o qual implica, por parte do cuidador, a compreensão e a valorização da pessoa humana enquanto sujeito histórico e social. Para isso, deve-se considerar acima de tudo que para desencadear um processo de humanização no ambiente hospitalar, não são necessários grandes investimentos ou adaptações no ambiente físico. (BACKES; LUNARDI FILHO; LUNARDI, 2005.) A partir desta percepção, o emprego do lúdico como instrumento de humanização torna-se imprescindível, visto que o brinquedo e a brincadeira constituem-se recursos significativos que as instituições de saúde podem e devem disponibilizar às crianças, incluindo-se aqui as famílias, visto que colaboram com a redução de morbidades emocionais e sociais, decorrentes da internação hospitalar. Ao brincar, a criança constrói o seu mundo de representações e de referências, ampliando e fortalecendo o seu patrimônio emocional, necessário para o enfrentamento de situações estressantes como a doença, a separação da família, os procedimentos invasivos, a dor física e ou emocional e a hospitalização (MORSCH; ARAGÃO, 2006). **Objetivos:** divulgar as atividades lúdicas desenvolvidas por acadêmicos de Enfermagem da UFRGS participantes do projeto de extensão “Crescendo com a gente” e ressaltar a relevância do brincar como um instrumento de promoção de saúde no cuidado à

criança hospitalizada. **Metodologia:** trata-se de um relato de experiência desenvolvido a partir das vivências de acadêmicos de Enfermagem da UFRGS participantes do projeto de extensão “Crescendo com a gente”, o qual está inserido a dez anos nas Unidades Pediátricas de Internação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (alas 10º sul e 10º norte), promovendo um espaço lúdico, com duração diária de duas horas, possibilitando ao paciente pediátrico a participação em atividades que reúnem recreação, cultura e de uma forma geral promovem o entretenimento entre os pequenos pacientes, e oportunamente insere os futuros profissionais ao ambiente hospitalar e às vivências da equipe de saúde no cuidado ao paciente e a sua família, entre os quais se destacam os portadores de fibrose cística, que se encontram, em maioria, na condição de isolamento, estando limitados ao contato com a equipe de saúde e com o familiar que os acompanha no quarto. Nesta situação de restrição às brincadeiras e aos espaços coletivos, desenvolvemos simultaneamente atividades de recreação no quarto da criança que não apresenta condições clínicas para o convívio social, propiciando momentos de descontração, e de acordo com SOUTO; DALL AGNOL e ISSI (2008), também incluindo a família na atividade de recreação do filho, na qual se tem um momento propício para enriquecer os laços afetivos e para o adulto desvelar a sua criança interior, minimizando as possíveis barreiras de relacionar-se e fortalecendo vínculos. **Resultados:** ao interagir com os pacientes internados na Unidade Pediátrica da referida instituição, é perceptível a contribuição positiva das manifestações lúdicas, por meio das quais se constata que a criança realiza uma “passeio” ao mundo imaginário, que é extremamente importante para a compreensão e inserção no mundo que a cerca, onde os jogos, as brincadeiras, as canções, os contos e tudo aquilo que remete ao entretenimento, estão presentes a fim de subsidiar o cuidado, o qual considera a criança em sua totalidade, atendendo na medida do possível aos seus anseios e atenuando os obstáculos enfrentados em meio às práticas hospitalares. A participação do “Crescendo com a gente” no contexto vivido pelo paciente pediátrico portador de mucoviscidose é extremamente relevante, pois por possuir uma doença crônica e necessitar de internações regulares ao hospital, pode encontrar dificuldades e obstáculos na sua vida social e familiar – como, por exemplo, a restrição do convívio social, as ausências escolares frequentes e o aumento da angústia e da tensão familiares –, busca-se evitar tais conseqüências por meio da retomada do convívio social – com as atividades desenvolvidas no quarto destas crianças – favorecendo o desenvolvimento de vínculos, a criação de idéias, e de certa forma, a elaboração dos lutos pela perda da condição saudável, pelo afastamento do ambiente familiar, pela insegurança, pelos constantes desafios enfrentados, enfim, busca assistir de forma diferenciada e integral a criança portadora de fibrose cística, empregando o lúdico como principal ferramenta. **Considerações Finais:** através do brincar e do ambiente lúdico, a criança se comunica, libera suas tensões, melhora sua auto-estima, aumentando a sua imunidade. O brincar e o lúdico, quando presentes no cotidiano do cuidado da criança e família que vive a experiência da hospitalização, fortalecem a afetividade e a sensibilidade contribuindo para uma vivência positiva e construtiva (MOTTA, 1997). E, assim sendo, o brinquedo no âmbito da hospitalização infantil constitui-se como uma ferramenta de auxílio à terapêutica, influenciando de modo significativo na recuperação do paciente e transcorrendo o conceito de ser apenas um meio de recreação, passando a ser entendido como uma ação de saúde a ser adotada a fim de promover uma assistência cada vez mais humanizada e de interação efetiva, superando os desafios encontrados tanto pela equipe quanto pelo paciente pediátrico e sua família.

Descritores: Criança Hospitalizada, Enfermagem Pediátrica, Fibrose Cística.

Referências:

1. BACKES, D.S; LUNARDI FILHO, W.D.; LUNARDI, V.L. A construção de um processo interdisciplinar de humanização à luz de Freire. *Revista Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, 2005; 14 (3): 190-205.
2. HENCKEMAIER, L. Dificuldades ao cuidar da família no hospital. In: Schmitz, E. M. *A enfermagem em pediatria e puericultura*. São Paulo: Editora Atheneu; 2005; 357- 68.
3. MORCH, D. S.; ARAGÃO, P. M. A criança, sua família e o hospital: pensando processos de humanização. In: DESLANDES, Suely Ferreira. *Humanização dos cuidados em saúde Conceitos, dilemas e práticas*; Fiocruz, Rio de Janeiro. 2006, 416p.
4. MOTTA, M.G.C. O ser doente no tríplice mundo da criança, família e hospital: uma descrição fenomenológica das mudanças existenciais. 1998. 210p. Tese (Doutorado). Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina.
5. REIS, Francisco J. C; DAMACENO, Neiva. Fibrose Cística: Revisão de Literatura. *Revista de Pediatria*, Rio de Janeiro. Nº. 74 (sup.1), nov-dez, 1998. Disponível em <http://www.jpmed.com.br/conteudo/98-74-S76/port.asp?cod=489>, acessado em 04/10/2008.
6. SOUTO, M. B.; DALL AGNOL, C. N.; ISSI, H. B. Cuidados Básicos com a Criança Hospitalizada - especificidades. In *Reanimação Cardiorrespiratória Pediátrica: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

O CENÁRIO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA INFANTIL: A VISÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DE UMA EMERGÊNCIA PEDIÁTRICA

Thais Regina Teixeira dos Santos

UNISINOS

thaisr19@yahoo.com.br

A violência doméstica cresce assustadoramente em nossos dias, tornando-se uma problemática pública, marcando infâncias, refletida claramente no setor saúde. O objetivo deste estudo é entender qual a compreensão da equipe de enfermagem de um Hospital de Porto Alegre – RS, sobre o tema “violência doméstica infantil”. Foi averiguado se esses profissionais têm consciência sobre a importância que permeia este assunto e de que forma percebem-se como atuantes neste contexto. Como metodologia usou-se a abordagem qualitativa descritiva. A coleta dos dados deu-se através de uma entrevista semi-estruturada. Foram entrevistados nove profissionais do setor de emergência pediátrica. Para exploração dos dados optou-se pela análise de conteúdo temática. Os resultados mostram, que os profissionais da enfermagem possuem uma ampla compreensão sobre o tema “violência doméstica infantil”; reconhecem as diferentes formas que esta se apresenta; conseguem claramente identificar as facetas que envolvem este fenômeno; visualizam situações em que crianças são expostas a esta atrocidade, apontando desde as manifestações físicas até a “violência velada”. Porém, estes sujeitos não se julgam, preparados o suficiente para atuar frente a problemática em questão declarando-se, por vezes, fragilizados; evidenciando a necessidade de um apoio especializado, bem como, a importância de uma boa qualificação/capacitação profissional. Torna-se indispensável a integração entre os profissionais dos diferentes segmentos da sociedade que trabalham em prol destas vítimas. Por fim, este estudo, bem como contribuir com a divulgação dos resultados, almeja oferecer subsídios para a elaboração de medidas que minorem esse temível cenário.